

Portugueses desenvolvem nova tecnologia para a detecção do cancro da mama

O projecto deve estar concluído em 2005 e deve ser disponibilizado comercialmente

TIAGO SILVA

Está ser desenvolvida, em Portugal, uma tecnologia inovadora na detecção do cancro da mama, que poderá detectar tumores com um ou dois milímetros de dimensão. Trata-se de um projecto que envolve mais de dois milhões de euros, promovido pela Taguspark e desenvolvido por um consórcio português.

Para além de permitir a detecção do cancro da mama em fases prematuras e de for-

ma mais rigorosa, esta nova tecnologia evitará o recurso a biópsias e mamografias que, normalmente, implicam grandes transtornos físicos e psicológicos para a mulher. Se tudo correr como planeado, o novo aparelho deverá estar disponível dentro de dois anos nos estabelecimentos hospitalares.

“O cancro é uma multiplicação desenfreada de células e este sistema faz a detecção através de altos níveis de actividade celular”, explica Rui Ribeiro, coordenador do projecto.

Na identificação dos tumores serão aplicados uns cristais desenvolvidos no Laboratório Europeu de Física de Partículas (CERN), na Suíça, que aliados à

tecnologia PET (Tomografia de Emissão de Positrões) permitem maior resolução das imagens captadas. A PET é uma técnica de diagnóstico que identifica alterações em tecidos e órgãos, provocadas por estados de doença, muito antes de aparecerem sintomas sérios.

O novo equipamento hospitalar será composto por duas placas que giram em torno da mama, explica José Sampaio, do Instituto de Engenharia Mecânica e Gestão Industrial (INEGI), da Universidade do Porto, uma das entidades envolvidas no consórcio. “É um aparelho que olha mais à funcionalidade do corpo da mulher”, afirma o investigador. No futuro, sublinha, esta tecnologia poderá ser adaptada

a outros tipos de cancro.

O projecto PET-Mamografia — assim se chama o consórcio — reúne seis entidades portuguesas de investigação que, em parceria com o CERN, pretendem concluir este projecto já em 2005. Nessa altura, a intenção é criar condições à colocação desta nova tecnologia no mercado, de acordo com a vontade da Sociedade de Promoção de Ciência e Tecnologia da Área de Lisboa (Taguspark). Será criada uma empresa para a comercialização do aparelho ou serão vendidos os direitos do equipamento a redes de distribuição já no terreno. “Obter lucros para além do benefício social” é o objectivo da Taguspark, afirma José Sampaio.

O PET-Mamografia é

financiado 70 por cento pelo Programa Operacional para a Sociedade de Informação (PO-SI) e os restante 30 pela Taguspark. As entidades que estão a desenvolvê-lo são, para além do CERN, o INEGI, o Laboratório de Instrumentação e Física Experimental de Partículas (LIP), o Instituto de Biofísica e Engenharia Biomédica da Universidade de Lisboa (IBEB), o Instituto Biomédico de Investigação de Luz e Imagem da Universidade de Coimbra (IBILI), o INESC Inovação e o Hospital Garcia Horta, que irá colaborar nos primeiros exames que serão realizados a 300 mulheres.

Este consórcio português para o cancro da mama detém a exclusividade desta investigação, no território europeu. ■